



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

VOZES DE MULHERES NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: PAULINA CHIZIANE, CLARICE LISPECTOR E HÉLIA CORREIA



WOMEN'S VOICES IN LITERATURE OF PORTUGUESE EXPRESSION: PAULINA CHIZIANE, CLARICE LISPECTOR AND HÉLIA CORREIA

Liz Basso Antunes de OLIVEIRA
Josiele Kaminski Corso OZELAME

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 26/06/2020 • APROVADO EM 08/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2518>

Resumo

Por meio das obras *Niketche: Uma História de Poligamia* (2004) de Paulina Chiziane, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969) de Clarice Lispector e *Montedemo* (1984) de Hélia Correia, respectivamente autoras de Moçambique, Brasil e Portugal, objetiva-se neste artigo examinar o papel do casamento e da maternidade; da educação feminina e do sexo; e da religiosidade a partir da análise das três protagonistas: Rami, Loreley e Milena. Após o levantamento bibliográfico, para a análise, primeiramente desenvolve-se um breve panorama histórico das mulheres ocidentais e moçambicanas, compreendendo sua trajetória até o

momento em que alcançaram o direito de contar a sua própria história. Para isso, utiliza-se como base teórica, principalmente, Michelle Perrot (2007) e Zuleika Alambert (2004). A partir disso, analisa-se segundo a perspectiva feminista de Simone de Beauvoir (1960), que pretendia a libertação da mulher em qualquer âmbito social e individual. Por fim, identifica-se semelhanças comportamentais das três personagens femininas enquanto buscavam cumprir com os padrões de comportamento estabelecidos socialmente pelas que fazem parte de uma cultura patriarcal e que a partir de diversas reflexões começam a libertar-se.

Abstract

Through the literary works *Niketche: Uma História de Poligamia* (2004) by Paulina Chiziane, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* (1969) by Clarice Lispector and *Montedemo* (1984) by Helia Correia, respectively authors from Mozambique, Brazil and Portugal, in this article the objectives was to examine the role of marriage and motherhood; female and sex education; and religiosity based on the analysis of the three protagonists: Rami, Loreley and Milena. After the bibliographic survey, for analysis, first was carried out a brief historical overview of western and Mozambican women, understanding their trajectory until the moment women reached the right to tell their own story. For this, Michelle Perrot (2007) and Zuleika Alambert (2004) were used as a theoretical basis. From that, were analyzed from the feminist perspective of Simone de Beauvoir (1960), who intended the liberation of women in any social and individual level. Lastly, behavioral similarities of the three female characters were identified while seeking to comply with the socially established standards of behavior by those who are part of a patriarchal culture and that from several reflections begin to break free.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Expressão Portuguesa. Autoria feminina. Feminismo.

KEY-WORDS: Portuguese Expression Literature. Female Authorship. Feminism.

Texto integral

A partir das obras *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969) de Clarice Lispector, *Niketche: Uma História de Poligamia* (2004) de Paulina Chiziane e *Montedemo* (1984) de Helia Correa, esta pesquisa analisa os papéis sociais associados culturalmente às mulheres, representados por meio das personagens Loreley, Rami e Milena. Escritas em três continentes distintos – América Latina, África e Europa -, as obras se assemelham principalmente através da língua portuguesa, porém as semelhanças não se restringem a isto. Nota-se a aproximação de aspectos culturais dos três contextos, por meio da comparação entre as personagens representadas.

Desta forma, para que seja possível um melhor aprofundamento das causas e consequências das situações sociais em que se encontram as personagens que representam determinada realidade, primeiramente será realizado um breve percurso histórico das mulheres na sociedade até que elas alcançassem o direito

de contar a sua própria história, além disso, será apresentado brevemente como o feminismo contribuiu para modificar a condição de submissão das mulheres na sociedade, transformando visões de mundo.

A história da mulher foi escrita por aquelas que buscaram a própria emancipação, atrás da equidade entre os gêneros, já que até então tal história era invisível. Michelle Perrot (2007) explica que a mulher aparece ao longo do percurso da literatura mundial, interpretada por homens, sem poder historicizar a si própria até meados do século XVIII, quando esta realidade começa a mudar. Por isso, as características femininas apresentadas em personagens da literatura foram diversas vezes explicitadas muito distantes de como se apresentavam entre o público e o privado. Na literatura, proliferou a concepção do dualismo *prostituta* ou *casta*, invisibilizando a identidade plural e complexa das mulheres, não as representando de maneira verossímil, reforçando, desta forma, características que diferenciam os gêneros e fronteiras culturais:

Historicamente, a literatura (bem como as demais artes) tem sido um eficaz veículo de transmissão de cultura. A literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade... o que significa, por um lado, louvar um tipo de cultura assentada na escrita e no alfabeto (ignorando os agrupamentos sociais organizados em torno da oralidade); por outro, significa dizer que, com toda a probabilidade, o cânon está impregnado dos pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo[...] (REIS, 1992, p. 72).

Após a pré-história, surgiram tribos, formadas por numerosos grupos humanos, que se dividiam em clãs, inclusive o materno. Zuleika Alambert em seu livro *Mulher na História - A História das Mulheres* (2004) aponta o papel preponderante das mulheres nestes clãs, que domesticavam animais, trabalhavam a terra, cuidavam das crianças, dos velhos e doentes, criavam vasilhames, utilizavam o fogo, e preparavam unguentos e poções, enquanto os homens dedicavam-se a caça dos alimentos. Por isso, eram muito respeitadas por suas atribuições.

Cláudia Pazos Alonso (1999, p. 109), em *Repensar o Feminino: O Montedemo* de Hélia Correia, lembra a adoração de deusas femininas em sociedades da antiguidade, pois a mulher era associada ao misterioso poder de dar à luz. Isso se mantém até que o homem crie consciência que também exercia um papel fundamental na procriação. Dar à luz, que está intimamente ligado à vida, até então era mais valorizado do que a caça, que está intimamente ligada à morte, e assim reinavam as deusas.

Na Idade Média, ainda não se destacava a voz das mulheres por seus direitos civis, mas se compreendia que a única maneira de ascender socialmente era por meio da instituição casamento. Desta maneira, era importante a elas que seus maridos fossem menos subordinados possível, assim menos elas teriam que

se sujeitar a funções domésticas, e ainda seriam mais respeitadas diante da sociedade patriarcal.

Com a Inquisição, (ALAMBERT, 2004) o ideal de família já estava enraizado na sociedade, a partir da Idade Média. Fundamentada na religião, a noção utópica de naturalidade para a subordinação da mulher em relação ao homem, estava determinada, já que a religião regia todas as relações humanas. Em decorrência disso, as mulheres que não seguiam os padrões de comportamento indicados pela Igreja, eram levadas à fogueira.

Durante o Renascimento as mulheres da classe alta conquistaram o direito à instrução, o que permitiu que lutassem por alguns outros direitos. Com destaque para Christine de Pisan¹ (1405), em *A Cidade das Mulheres*, que antecipou o pensamento feminista que mais tarde viria a ser formado, ao afirmar que “homens e mulheres são iguais por natureza” (APUD.: ALAMBERT, 2004, p. 31), reivindicando educação para homens e mulheres.

Embora exercesse atividades comerciais durante o antigo regime, era considerada inferior ao homem jurídica e politicamente. No fim do século XVIII e, começo do século XIX, mulheres lutaram ao lado dos homens na Revolução Francesa, em busca de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, então decidiram exigir mudanças na legislação que previa qualquer submissão da mulher ao homem, tanto na instituição casamento, quanto na política e no trabalho. Por outro lado, o filósofo Jean-Jacques Rousseau reprimiu a participação da mulher na esfera pública pela Assembleia Nacional, em 1795. Contudo, mulheres alcançaram o direito ao divórcio.

A partir das revoluções que aconteciam neste período, o papel da mulher no trabalho começava a mudar junto aos fatores socioeconômicos. Ocupava o comércio, principalmente o ramo têxtil, porém ainda era marcada por dependência, e total submissão, enquanto associava felicidade ao casamento, que a propiciava estabilidade.

Segundo o materialismo histórico, descrito pela escritora, filósofa e teórica social Simone de Beauvoir (1960, p. 73) a humanidade é uma realidade histórica, os seres humanos não são passivos à natureza, por isso são capazes de modificar a cultura quando achar necessário. Dessa forma, compreendeu que a mulher não é apenas um organismo sexuado. As características psíquicas da mulher são definidas através de uma série de fatores, inclusive o sexual, e a estrutura econômica da sociedade em que está inserida, por isso é possível retomar a natureza em mãos, e fazer com que a sociedade seja capaz de modificar a situação desigual entre os sexos.

Entende-se, então, que não há motivos para a exclusão da mulher, já que a naturalidade que foi engendrada ao papel da mulher na sociedade foi desmistificada. A partir disso, entende-se que só poderiam existir papéis pré-designados se o biológico fosse preponderante para formar características de identidade, mas ao contrário do que se acreditava com tal conclusão compreende-se, que o sociológico tem papel fundamental para tal formação, e este é mutável, como se pode perceber no decorrer da história humana, como propôs Simone de

Beauvoir de que as mulheres também eram capazes de mudar o destino de sua história, e foi o que fizeram.

O Segundo Sexo, publicado originalmente em 1949, por Beauvoir, trouxe a perspectiva do feminismo radical, segundo uma ótica existencialista, que pretendia a libertação da mulher em qualquer âmbito social e individual. Nele, Beauvoir faz crítica ao sistema patriarcal, e também à submissão da mulher. As mulheres são influenciadas durante o decorrer de suas vidas, a tomarem por características próprias, os padrões estabelecidos por um sistema em que o homem é o elemento central e todos os demais são dependentes de ações oriundas dele, sem que haja outras possibilidades aceitas socialmente. Não *registrado*², o padrão refere-se a modelos para uso do tom de voz feminino, vestimentas, locais, afazeres e, a um destino definido previamente a sua própria existência. Tanto as ciências sociais quanto as biológicas consideram o caráter do ser humano mutável, pois este reage a diferentes situações. Dessa maneira, tal qual os outros seres humanos, a mulher não tem por natural o caráter imutável, como se pretende alcançar. Beauvoir questiona estas regras impregnadas e debate questões fundamentais.

Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia ruge-ruge para fazê-la descer à terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. Descreveram-no de bom grado em termos vagos e mirabolantes que parecem tirados de empréstimo do vocabulário das videntes (BEAUVOIR, 1960, p.8).

Com a enraização do ideal feminista, mulheres ganharam força, e 1975 é decretado pela ONU (Organização das Nações Unidas) ano da Mulher, no qual ocorreram diversas mudanças, discutidas através de numerosas reuniões com pauta na questão de seus direitos, além de uma grande produção literária acerca do tema, para que a mulher pudesse contar a si própria pela primeira vez.

Em Moçambique, estas conquistas foram em períodos bastante distanciados em relação ao ocidente, sendo a primeira mulher que publicou um romance, Paulina Chiziane, recentemente, em 1990. Até essa data, a história das mulheres moçambicanas estava sendo registrada por meio da tradição oral. Desta forma, se faz necessário traçar um breve panorama histórico das mulheres moçambicanas.

A República de Moçambique localiza-se na costa sul-oriental da África e a população calculada em 2005 era de 19,4 milhões de habitantes. Apenas 23% deste número se encontra na zona urbana, sendo a maioria branca, mestiça ou asiática. A maioria da população negra está nas zonas rurais de Moçambique. É um país que reúne diversas etnias, tendo grande influência islâmica e católica (IGLESIAS, 2007, p. 135).

Existiu um jornal moçambicano chamado Brado Africano que teve início em 1919 e durou até 1936, ocasião que foi condenado ao silêncio devido à ditadura de

Salazar (HERNANDEZ, 2008). O Brado Africano denunciava as condições precárias de trabalho dos africanos e as poucas oportunidades de educação para estes povos. Consideravam que a educação de mulheres era imprescindível para chegar a um *levantamento moral da Raça Negra*. Ainda assim, esta educação previa uma formação essencialmente feminina, onde aprendiam a costurar e cozinhar. Além disso, neste jornal foram publicados poemas e prosas escritas por mulheres que se destacaram na época. Nos textos publicados encontram-se denúncias de exploração feminina (IGLESIAS, 2007, p. 136).

A educação tradicional moçambicana reforça culturalmente, na mulher, o papel de mãe e esposa. Nesse sentido, cabe à mulher, quase que exclusivamente, casar e ter filhos, já que seus sonhos e desejos circunscrevem-se a tais papéis. A escola ensina e prescreve obediência e submissão, demonstrando “harmoniosa” convivência entre os valores tradicionais moçambicanos e outros provenientes da tradição europeia, validados, sobretudo, pelos princípios cristãos que reforçam a condição de subalternidade e, até mesmo, a maldição feminina (MENDES, 2009, p. 59).

As conquistas por espaço foram debatidas pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que compreendeu a necessária maior equidade entre os gêneros para a formação de uma nação. Enquanto Moçambique lutava pela extinção da influência da cultura ocidental, ao mesmo tempo decidia que para a ascensão do país, era necessário que algumas tradições fossem modificadas.

Com a ascensão da FRELIMO, a primeira Conferência da Mulher Moçambicana aconteceu em 4 de março de 1973, que envolveu discurso de Samora Machel, presidente da FRELIMO na época. O título de seu discurso foi: “A Libertação da Mulher Moçambicana É Uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo”. No mesmo ano, também foi criada a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) (IGLESIAS, 2007, p. 138). A partir da OMM, surgiu em 1991, o Departamento de Estudos da Mulher e do Gênero (DEMG). A DEMG investiga a Mulher e Lei, a Mulher e Força de Trabalho, Mulher e Meio Ambiente, Mulher e Comportamento Reprodutivo (IGLESIAS, 2007, p. 138).

Apesar de teoricamente a situação da mulher frente à legislação ter melhorado, na prática as coisas não acontecem da mesma maneira, como apresenta Olga Iglésias (2007, p. 140) em seu artigo *África, a Mulher Moçambicana e a NEPAD*:

Do ponto de vista teórico e jurídico, há a Constituição, aprovada em 1990, que representa um grande avanço em relação a de 1975. Na Constituição estão salvaguardados os direitos universais, fundamentais dos indivíduos e dos cidadãos – o direito à vida, à dignidade da vida humana, o respeito pela liberdade, de circulação, de expressão, de idéias, de religião, de associação. Está também consagrada a igualdade dos cidadãos, a igualdade da

A partir disso, é importante ressaltar a necessidade de dar atenção às personagens femininas quando são representadas por autoras mulheres, sendo que assim, o contexto social e cultural é apresentado de maneira mais aproximada da sua realidade, já que o homem, que durante séculos foi o único a ter acesso à leitura e à escrita, a representou na literatura de maneira simplificada, dentro de seus próprios parâmetros de características necessárias para o bom ou mau comportamento feminino. Portanto, quando se observa o percurso histórico das mulheres, tanto no ocidente quanto em Moçambique, percebe-se uma carência histórica de traços identitários contados a partir do ponto de vista das minorias, mais especificamente, das próprias mulheres.

PREENCHENDO LACUNAS

Por meio das obras *Niketche: Uma História de Poligamia* de Paulina Chiziane³, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* de Clarice Lispector⁴, e *Montedemo* de Helia Correia⁵ objetiva-se traçar um panorama comparativo entre a realidade das mulheres em cada um dos três países em que tais literaturas foram originadas: Moçambique, Brasil e Portugal, a partir da análise das três protagonistas - Rami, protagonista de *Niketche*, Loreley, protagonista de *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* e Milena, protagonista de *Montedemo* -, principalmente segundo a perspectiva feminista de Simone de Beauvoir.

As três obras que serão apresentadas no decorrer do artigo têm em comum a crítica ao sistema patriarcal. Tal crítica fora fortemente abarcada por escritoras no século XX.

Tais obras foram originadas em locais distantes, Moçambique, Brasil e Portugal, com três pontos claros em comum: são de autoria feminina, nas quais as protagonistas são mulheres e foram originalmente escritas em português. Estando estes três países conectados, de certa maneira, pela história, sendo que Brasil e Moçambique foram colonizados por Portugal durante séculos. Assim, se pode aproximar da realidade proposta através da verossimilhança em cada um destes países.

Em grande parte da literatura, e principalmente a anterior ao feminismo radical, a representação da mulher encontra-se sempre em dois únicos polos: a impura, prostituta, demoníaca, ou a mulher casada, inocente, virgem, estando a questão da bondade e maldade totalmente ligadas à sua maneira de comportar-se sexualmente. Por isso, compreende-se que enquanto a literatura foi área restrita a escritores do sexo masculino, o comportamento da personagem feminina não era variável conforme o psicológico humano. Assim, como o ser humano, a personagem tem sua identidade variando de comportamento em uma ambiguidade praticamente constante, o que causa a contradição em suas ações, e o leva a reflexões. Portanto, sua identidade não é essencialista e como explica

Woodward, Hall e Silva (2003, p. 8) em *Identidade e Diferença*, é por meio dos sistemas simbólicos que as identidades ganham sentido e atuam criando representações que classificam as relações humanas no interior do mundo.

Apesar disso, a personagem feminina na literatura de autoria masculina cabe em uma definição de conceitos restritos de possibilidades que envolvem o psicológico humano, e o torna inteligível, o que a refletiu de maneira artificial. Tal padrão não prevê que o ser humano depende de fatores externos (social) e internos (psicológico) a ele para cada ação que desenvolveu ou desenvolverá, mas este é estabelecido apenas à mulher, enquanto o personagem masculino aparece na maior parte dos casos como um ser ativo, e reflexivo.

Segundo Woodward, Hall e Silva (2003, p. 11) “as mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada” e “a identidade é relacional e marcada pela diferença” (2003, p. 9). Desta forma, a mulher representada na literatura de autoria masculina foi e continua, muitas vezes, sendo distanciada de sua real identidade. Em realidade, e quando o texto literário simboliza a mulher de forma verossímil, esta identidade é não-essencialista, ou seja, é passível de transformações, assim como as personagens femininas que serão analisadas. Nos três livros a ser analisados, as personagens Rami, Loreley e Milena passam por mudanças de comportamento relacionadas à sua forma de agir e pensar no âmbito social, a dois, e individualmente. Cada uma delas, com suas peculiaridades, buscam satisfazer padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade, relacionados à aparência, ao casamento, à maternidade, à sexualidade, além de outros fatores e sofrem transformações. Desta forma, a personagem apesar de ser fictício, é baseada no ser vivo real, como apresenta Antônio Candido em *A Personagem de Ficção*:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2014, p. 55)

A ausência prolongada do marido Tony é responsável pelas inquietações de Rami. “Onde andas, meu Tony, que não te vejo nunca? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde? Sou uma mulher de bem, uma mulher casada.” (CHIZIANE, 2002, p. 10). A partir disso, se desencadeia em Rami, um processo de reflexão e maturação sobre o que acontece com sua vida, com sua identidade e como se representa como esposa, mãe e indivíduo. A formação da identidade acontece por meio dos processos culturais e sociais simbólicos, como apresentado a seguir:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos... A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia, fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? Quem eu quero ser? (WOODWARD, HALL e SILVA, 2003, p. 8)

É interessante observar que a personagem no decorrer da trama constrói uma relação de diálogo com seu reflexo no espelho. Nas relações patriarcais, a mulher sofreu objetificação, tornou-se o “outro” enquanto o homem permaneceu sujeito para si e para própria mulher. O espelho simboliza o autoconhecimento enquanto objeto, e a mulher objetificada passa pelo conflito identidade e objeto como processo de maturação ainda não finalizado. O homem passará por tal processo durante a infância, mas logo desenvolverá sua identidade como sujeito, e deixará de se entender como “outro” no âmbito social. Woodward, Hall e Silva (2003, p. 28) sugerem que a identidade é construída por meio da diferença, por mais que seu significado não seja fixo.

O teórico literário Thomas Bonnici (2007, p. 79) explica quanto ao descobrimento do “eu”, que deixa de ser imaginário para se tornar simbólico, e definir por consequência a identidade do “outro” que acarreta na própria imagem do indivíduo, contrapondo-se ou impondo-se a tais características. O “Outro”, construído por regras socialmente estabelecidas, possibilita ao sujeito criar sua própria imagem para si. O sujeito confronta sua identidade ao corpo que se torna objeto refletido no espelho. Segundo Woodward, Hall e Silva (2003, p. 15) “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”.

Rami demonstra a construção ideológica engendrada socialmente acerca do papel do casamento, na cultura moçambicana, que faz a mulher ser o “outro”, enquanto o homem é indivíduo.

... o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro inessencial, o objeto. ... Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um (BEAUVOIR, 1960, p. 12).

A personagem expõe a crença que mais tarde virá a desconstruir: a mulher moçambicana é incapaz de realizar-se fora de tal instituição, pois é seu único destino. Como expõe Beauvoir (1960, p. 165) grande parte da população feminina, é casada, ou foi, ou estão se preparando para isto, ou sofrem por não ser. O casamento é o destino proposto às mulheres em todas as sociedades.

Rami percebe sua posição social de mulher casada como correta, confirmando a existência de um padrão de comportamento e generalizado para todas as mulheres. Então, publicamente as mulheres situam-se entre dois polos interligados, seu estado civil e o seu caráter. Sendo assim, se casada é considerada uma mulher de bem, do contrário não.

Também é preciso levar em conta sua necessidade de ser acompanhada por uma figura masculina quando exerce sua função materna. Rami crê não ser autossuficiente nem para educar seus filhos. Quando Rami, inserida em uma sociedade patriarcal, no norte de Moçambique, começa a inquietar-se, pois o filho Betinho acidentalmente quebra o vidro de um carro, estando Tony longe de casa, sem dar notícias de seu paradeiro, a protagonista deve agir conforme não lhe ensinaram. O instinto materno que prevê compreensão, e acolhimento deve ser deixado de lado, para que se desempenhe um papel considerado masculino, e portanto, saiba também instruir e se preciso, castigar

Da janela do quarto, oiço comentários na rua. As palavras que escuto lançam-me no desespero. Sinto as línguas de fogo caindo no interior de meus ossos. Eu fervero. Os meus olhos ficam húmidos de lágrimas. Se o meu Tony estivesse por perto, repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora, resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem, ah, se o Tony estivesse perto! (CHIZIANE, 2002, p. 11)

A relação da mulher com a maternidade aparece como seu momento de ascensão, se sente essencial, cumprindo sua vocação, relacionando-se a ela como sua função natural ao meio. “Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza” escreveu Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. A maternidade, explicada por Michelle Perrot (2007, p. 69) é mais do que momentânea, como é o nascimento, é a sensação permanente a mulher. A sociedade emprega à mãe a noção “aureolada de amor”, promovendo o crescimento do sentimento materno, envolvendo-a em profissões que requisitam cuidados ao outro, como a saúde, educação, infância, e puericultura, assim enfatizando uma única vocação proposta à mulher, o caráter materno.

Mesmo crendo exercer sua função natural, o padrão de mãe conhecido por Rami contraria a ação necessária que a protagonista tenta atuar. Por isso, em vão ela projeta no pai a responsabilidade pela repreensão de Betinho.

Por meio de conversas com outras mulheres, que passam por problemas semelhantes ao seu, Rami chega à conclusão: “Não há homens neste bairro, as mulheres é que governam as famílias” (CHIZIANE, 2002, p. 13). Neste primeiro momento, em que a urgência por transformação começa a aparecer, Rami ainda tem pensamentos contraditórios, que buscam desfazer paradigmas, mas paralelamente busca justificar a cultura patriarcal em que se apoiara para construir o único sonho que era designado às mulheres moçambicanas - o casamento - mesmo que nem todas o alcançassem.

Após conhecer a primeira amante de Tony, Rami e a outra mulher disputam a culpa de suas tristezas, só percebendo depois de separadas que a culpa, não lhes pertencia:

Fico emocionada. Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em casa um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo e culpa-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração. (CHIZIANE, 2002, p. 26)

Rami busca respostas para o comportamento inapropriado de Tony em suas memórias. Passara a infância tendo lições de obediência, e maternidade, e por considerar-se uma boa mãe e esposa dedicada, transfere a culpa da traição à sua falta de instrução acerca do ato sexual, já que na infância a maior parte das meninas moçambicanas frequentam os chamados “ritos de iniciação”, que as ensinam a seduzir, a amar, e a comportar-se em sociedade. Ao contrário delas, Rami não teve contato com estes conceitos conforme a escola indicaria. Por isso, Rami decide ir a uma conselheira amorosa, que invalida seus pesares. A conselheira diz, confirmando a culpa que Rami estava a sentir: “Então não és mulher – diz-me com desdém -, és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria?” (CHIZIANE, 2002, p. 35).

Assim, a protagonista busca refletir sobre a problemática que causou a infidelidade de seu marido, primeiramente culpando a si própria, mas logo virá a se deparar com quatro outras mulheres com quem Tony se relaciona, e criando um vínculo de poligamia, elas conhecerão os prazeres e desprazeres pelos quais cada uma teve que passar para manter esta relação amorosa e compreendendo isto, Rami percebera que não era a única a sofrer. Juntas percebem que ser mulher estava condicionado a passarem a vida a sofrer, e assim a protagonista amadurece sua busca pela transformação.

Diferentemente de Rami em que a ausência do homem provoca inquietação, com Loreley é a presença do homem a provocadora de suas inquietações. Em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* de Clarice Lispector, Loreley não é casada, nem pretende tornar-se, rompendo padrões considerados femininos para fins da década de 60. Neste contexto, as mulheres passavam a juventude esperando o momento em que iriam realizar o único que lhes era possibilitado: o casamento, como expõe Beauvoir (1960, p. 175): “E muitas das que se decidem – porque é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e de mãe[...]”

A protagonista é professora primária, e mora sozinha num apartamento no Rio de Janeiro. Ainda que receba o próprio salário, Loreley mantém-se financeiramente dependente do pai, que lhe deu a possibilidade de conhecer diversos lugares durante a infância e adolescência, provendo à filha uma vida

luxuosa, fazendo com que a protagonista se sinta privilegiada em relação ao conhecimento de mundo.

Quando o professor de filosofia Ulisses se interessa por Loreley e decide investir na relação com a personagem, o mesmo faz com que ela passe a desconfiar do quanto realmente se conhece. Ulisses a propõe atravessar uma fase de autoconhecimento para que pudesse conhecer o possível prazer, negado às mulheres no decorrer de sua história. Em um diálogo Ulisses e Lóri trocam confissões e questionamentos acerca da relação da personagem com o prazer pela vida.

- Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.
- É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor.
- É.
- E não sabe como estar viva através do prazer? (LISPECTOR, 1969, p. 105)

As mulheres estiveram sujeitas a conhecer-se segundo uma ótica masculina, e segundo tal ótica a sexualidade feminina deveria ser reprimida, para causar um comportamento de obediência às normas patriarcais.

Entra nessa filosofia algo de sádico: muitos homens se alegram com a miséria feminina e não aceitam a idéia de que se queira atenuá-la. Compreende-se, portanto, que os homens não tenham tido nenhum escrúpulo em denegar a sua companheira a felicidade sexual; pareceu-lhes até vantajoso recusar-lhes, com a autonomia do prazer, as tentações do desejo (BEAUVOIR, 1960, p. 177).

Pouco tempo antes de *O Livro dos Prazeres* ser publicado seria considerado absurdo uma mulher ter-se deitado com outro homem antes do casamento. Loreley rompe com este padrão, tendo mais de um parceiro sexual antes do casamento. Apesar disso, aceita submeter-se a aprendizagem que Ulisses propõe, para que Lori forme sua identidade, para que, apenas a partir deste momento, os dois possam se conhecer sexualmente. Desta forma, Ulisses pressupõe que Lori não tem uma identidade formada.

Esta relação de aprendizagem é totalmente guiada por Ulisses, que se considera mais capaz de avaliar as ideias necessárias para o autoconhecimento, e formação do indivíduo Loreley. Impossibilitando-a, desta forma, de fazer uma auto-análise e modificar o que considerar interessante e importante para o seu próprio amadurecimento e transformação. Assim, Ulisses impõe os limites e liberdades daquilo que Lóri deve ser, que atende aos comandos a fim de conquistá-lo amorosamente.

Por isso, o *estádio do espelho* pode ser novamente retomado. A protagonista enquanto se encontra numa fase de renovação, tem uma relação com o espelho. “Como prolongar o nascimento pela vida inteira? Foi depressa ao espelho para saber quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao se ver. Eu existo, estou vendo, mas quem sou eu? E ela teve medo” (LISPECTOR, 1969, p. 151)

Enquanto Lóri passa pela transformação, guiada por Ulisses, os dois vivem um romance que adia o prazer carnal. Ulisses acredita que o sexo só deverá ser explorado quando Loreley conhecer melhor a si própria, mesmo que esta não conserve a virgindade e que *conhecer a si própria* esteja intrinsecamente influenciado pela visão do Um, no caso, Ulisses, sendo que é ele quem limita ou liberta o que Lóri pode ou não ser.

Em *Niketche* e *O Livro dos Prazeres*, as personagens sofrem transformações, Rami transforma-se por meio da ausência do homem, enquanto que Lóri transforma-se pela presença e imposição masculina. Assim, inicia-se a análise da terceira obra a ser analisada, *Montedemo* de Helia Correia.

Em *Montedemo* a relação da submissão feminina com a religião aparece explicitamente, o que não quer dizer que em *Niketche* e *O Livro dos Prazeres* não haja influência da Igreja sobre o comportamento das mulheres que foram representadas nas personagens Rami e Loreley. Ao contrário, sabendo que os locais onde as obras foram produzidas, Moçambique e Brasil, foram colonizados por Portugal durante séculos, compreende-se que ambas sofreram diversas influências dos costumes culturais e religiosos europeus. Michelle Perrot (2007, p. 83) explica que as religiões sempre exerceram forte influência na hierarquia do masculino sobre o feminino:

Entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Poder sobre as mulheres: as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença entre os sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus.

Em *Montedemo* a natureza e o pecado estão representados pelo monte, e o povo acredita que o comportamento diferenciado de Milena é causado pela nova aproximação da moça com as forças malignas do monte. A partir deste momento, a protagonista que até os trinta anos de idade se mantinha virgem, liberta um potencial sensual anteriormente desconhecido. Assim, a sociedade inquieta-se com o comportamento da protagonista e as mudanças no corpo de Milena. (CORREIA, 1984, p.28).

Nesta aldeia os costumes são voltados completamente para religião católica, o que influencia a vida das mulheres, e Milena rompe com tais valores e alcança uma liberdade maior aos seus pensamentos e comportamento, se tornando alvo de

perseguição. Bem como em outros exemplos de literatura, estão representados os dogmas da igreja que ditam que a mulher deve ser um ser humano menos privilegiado do que o homem

Quando Milena passa a ter hábitos noturnos, que rompem com o que os cidadãos da aldeia estão acostumados, fazendo longas caminhadas noturnas, ela torna a ser vigiada pelo povo. Assim, sua tia, uma mulher completamente reprimida sexualmente, descobre a gravidez de Milena ao vê-la despida. A gravidez de Milena traz a recordação de uma deusa da fertilidade, pois sua beleza torna-se semelhante a tal grandiosidade, retomando novamente a religiosidade.

A religião católica, crença do povo da aldeia, prevê a proibição do ato sexual antes de realizada a benção do casamento. Rompendo com tal padrão, e desenvolvendo curiosamente características físicas que remetem à sexualidade, a personagem é imediatamente associada ao monte como demonstra Alonso.

A sua gravidez, aliás, torna-se indissociável dos ritmos da natureza: concebeu em Fevereiro, que tradicionalmente marca o início do ano agrícola; desabrocha no Verão, tal como as flores; e, embora tal não seja explicitamente mencionado, dá à luz em Novembro, o nono mês no calendário agrícola, como está implícito na etimologia da palavra. A sua aura brilhante dá nova vida a tudo aquilo com que se cruza: “E dimanava dela, do seu rasto, do seu voar de cabra um tal ardor que os pares de ocasião se consumiam em apetites nunca antes experimentados” (ALONSO, 1999, p. 114)

É relevante observar que Milena sai da casa de sua tia após os primeiros meses, para morar com a mulher considerada louca pelos habitantes da aldeia. A personagem fica à margem da sociedade. Antes que Milena seja excluída da comunidade por descumprir com as regras morais e religiosas da comunidade, a personagem sai de casa por contra própria, e se une a Irene, a louca, que já vivia excluída do povo. Irene “lançava a sua gargalhada de costas para o mar” (1984, p. 23), e pela espontaneidade da risada sempre ter sido ligada ao incontrolável a personagem que abriga Milena era considerada louca.

Estando representados tanto pelo monte quanto pela mulher, aquilo que é desconhecido é motivo de medo e, portanto, motivo para reprimir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras analisadas refletem semelhanças no comportamento entre as personagens Rami, Loreley e Milena, tanto quando a mulher se encontra aprisionada por padrões socialmente estabelecidos, quanto quando resolve se libertar dos mesmos. *Niketche: Uma História de Poligamia* de Paulina Chiziane, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* de Clarice Lispector e *Montedemo* de Helia Correia demonstram haver universalidade nas dificuldades que as mulheres

encontram no caminho pela emancipação. As relações das personagens com o casamento, trabalho, maternidade e sexualidade são abordadas sendo possível perceber pontos em comum entre três obras de três diferentes continentes.

Em *Niketche: Uma História de Poligamia*, Rami desperta uma inquietude quando descobre ser traída pelo marido. A partir do momento em que percebe a desigualdade com que as outras famílias de seu marido são tratadas, transforma o adultério em uma relação poligâmica, na qual dá conselhos às outras mulheres, e percebe por meio deles que pode mudar a trajetória e objetivos de sua própria vida.

O contrário acontece em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. A personagem Loreley é provocada a refletir sobre a vida pelo professor de filosofia Ulisses. Persuadida por um sentimento de paixão e pela falta de contato físico entre os dois, obedece a regras estabelecidas por Ulisses. Assim, Loreley percorre um caminho atrás de autoconhecimento, psicologicamente guiada por um homem.

Milena, a protagonista de *Montedemo*, inquietar-se-á a partir de sua gravidez imprevista e da reação do povo da aldeia em que vive. A sociedade portuguesa católica julga haver aproximação entre a personagem e o monte demoníaco. A personagem sofre reações físicas inesperadas, enquanto as pessoas ignoravam a gestação dela. Milena representa o medo do desconhecido para a população da aldeia, pois se comporta de maneira que foge ao que era estabelecido pelas crenças religiosas do povo.

Embora muitas conquistas tenham ocorrido devido ao enfrentamento das mulheres revisadas no primeiro tópico deste artigo, observa-se que as três autoras contemporâneas analisadas utilizam a literatura como espaço para denunciar as violências sofridas por mulheres. Tais violências acontecem por meio de diversos instrumentos que têm a finalidade de estruturar e fixar as culturas patriarcais. Portanto, a literatura escrita por mulheres – espaço conquistado com tamanha gana -, quando busca desmascarar as consequências dos papéis considerados naturais às mulheres, continua sendo uma ferramenta de conscientização e enfrentamento às desigualdades entre os sexos.

Notas

¹No capítulo sobre a Idade Média, Zuleika Alambert, contrapõe o silêncio da mulher quanto a sua situação subordinada, e cita Christine de Pisan.

²Trata-se de comportamento não estabelecido. O termo é de uso frequente por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*.

³Paulina Chiziane é a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. Nasceu em 1955, em Moçambique, em meio a uma família protestante, na qual não se falava português, mas Chope e Ronga. Só aprendeu português quando ingressou na escola católica. Mais tarde, Paulina Chiziane estudou Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, sem nunca ter

concluído o curso. Durante a juventude, Chiziane militou frente aos interesses de FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), pela independência de Moçambique, ainda colônia de Portugal. Alguns anos depois, Chiziane abandonou a militância e partiu para um ativismo com estrutura e ideias diferentes. A partir da literatura, iniciada em 1984, Chiziane deu voz à mulher moçambicana, inspirando-se em histórias que ouvia na região em que vivia. Em seus livros, expôs ao mundo à relação subordinada em que a mulher moçambicana permanece, ainda enquanto no ocidente a mulher já conquistara um espaço considerável em relação a sua independência, e direitos civis. Chiziane publicou dez livros até hoje.

⁴Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920, e foi batizada Haia Lispector, que só veio a mudar com sua chegada ao Brasil, com um ano de idade. Como muitos fugitivos da Segunda Guerra Mundial, a família Lispector se mudou ao Brasil, chegando à cidade de Maceió. Para assegurar que não fossem descobertos, abasileiraram seus nomes. Três anos depois se mudaram para cidade de Recife. Em 1930, mesmo ano da morte de Marieta Lispector, mãe de Clarice, escreveu sua primeira peça de teatro, *Pobre Menina Rica*. Aos 15 anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro com sua família, onde viera a lecionar português e matemática três anos mais tarde, logo ingressando na Faculdade Nacional de Direito. Na década de 40, aconteceram suas primeiras publicações. Em 1943 além de naturalizar-se brasileira, publicou seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem*. Um ano mais tarde concede-lhe o prêmio Graça Aranha por melhor romance de estreia, quando já estava vivendo na Itália, com intuito de acompanhar o marido diplomata Maury Gurgel, em suas funções. Em 1953 nasceu Paulo na capital americana, segundo filho do casal. Alguns anos mais tarde, o casal Gurgel se separou, com a alegação de Clarice de necessidade de retornar ao Brasil. De volta ao Brasil, Clarice trabalhava escrevendo as colunas *Correio Feminino* e *Entre Mulheres*. Em 1969 recebeu o prêmio *O Golfinho de Ouro* do museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro, por *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Um dia antes de completar 57 anos, em 1977, Clarice faleceu de câncer, dois meses após publicar *A Hora da Estrela*, livro que escreveu paralelamente a *Um Sopro de Vida*, publicado um ano depois.

⁵Helia Correia nasceu em 1949, em Portugal. Licenciou-se em Filologia Românica, e lecionou língua portuguesa ao ensino secundário. É poeta, ficcionista, e tradutora, mas destaca-se principalmente como ficcionista. Tanto seus romances, contos, e novelas têm linguagem poética impregnada à sua escrita. Tem duas coletâneas de poesias publicadas, cinco teatros, uma obra infantil, além de romances e novelas. Em 1981 publicou *O separar das águas*, e no ano seguinte *O Número dos Vivos*. Em 1983 lançou *Montedemo*. Nos anos seguintes publicou *Villa Celeste*, *Some*, *A Fenda Erótica*, *A Casa Eterna*, *Insânia*, *Lillias Fraser*, *Antartida de mil folhas*, *Apodera-te de mim*, *Bastardia*, *Contos*, *Adoecer* e em 2018, *Um Bailarino na Batalha*. Em 2013 recebeu pelo conjunto de sua obra o prêmio Virgílio Ferreira.

Referências

ALAMBERT, Zuleika. *A história da mulher: a mulher na história*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

ALONSO, Cláudia Pazos. Repensar o Feminino: O Montedemo, de Hélia Correia. *Via Atlântica*, São Paulo, PGECLLP/USP, n. 2, p. 108-119, 21 jun 1999.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Personagem de Ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 51-80.

CORREIA, Hélia. *Montedemo*. 2. ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: Uma História de Poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

IGLESIAS, Olga. *África, a Mulher Moçambicana e a NEPAD*. Lisboa: Universidade Lusófona, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1969.

MENDES, M. M. *Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane*. 2009. 180 f. Tese (Doutorado em Letras – Licenciaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

NYE, Andrea. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PERRROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, Roberto. *Cânon*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WOODWARD, Kathryn.; HALL, Stuart.; SILVA, Tomaz. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Liz Basso A.; OZELAME, Josiele Kaminski C. Vozes de mulheres na literatura de língua portuguesa: Paulina Chiziane, Clarice Lispector e Hélia Correia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 621-638, set.-dez. 2020.

O autor



Liz Basso Antunes de Oliveira é mestranda no Programa de Pós-Graduação, Stricto Sensu, em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu.

Josiele Kaminski Corso Ozelame é professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu. Mestre e doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Português/Espanhol e Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina.